

Pandemia, psicodeflação e educação estética

Laurici Vagner GOMES¹

Resumo

O fio condutor do presente artigo são as considerações acerca da pandemia apresentadas por Franco Berardi em *Crônicas da Psicodeflação*. O ponto de partida desse livro é o encontro entre o organismo superexcitado da humanidade e um vírus que, vindo de fora da máquina capitalista, obrigou os corpos a desacelerar, conduzindo a um estado de psicodeflação. Analisando esse estado sob a perspectiva do esgotamento, do niilismo do grande cansaço, caracterizado por Nietzsche, procuramos atender ao desafio apresentado por Berardi: preparar a saída da pandemia imaginando o possível. É nesse exercício de pensamento que, a partir da filosofia nietzschiana, discutimos a noção de educação estética para pensar em um contramovimento ao esgotamento.

Palavras-chave: Arte. Berardi. Coronavírus. Niilismo. Nietzsche.

¹Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), Mestre e Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor da Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais (FAE/UEMG). Orcid: 0000-0002-0392-0238.

E-mail: laurici.gomes@uemg.br

Pandemic, psycho-deflation and aesthetic education

Laurici Vagner GOMES

Abstract

The guiding thread of this article are the considerations about the pandemic presented by Franco Berardi in *Chronicles of Psycho-deflation*. The starting point of this book is the encounter between the overexcited organism of humanity and a virus that, coming from outside the capitalist machine, forced bodies to slow down, leading to a state of psycho-deflation. Analyzing this state from the perspective of exhaustion, from the nihilism of great fatigue, characterized by Nietzsche, we seek to meet the challenge presented by Berardi: to prepare the exit from the pandemic by imagining the possible. It is in this exercise of thought that, based on Nietzschean philosophy, we discuss the notion of aesthetic education to think about a counter-movement to exhaustion.

Keywords: Art. Berardi. Coronavirus. Nihilism. Nietzsche

Pandemia, psicodéficação y educación estética

Laurici Vagner GOMES

Resumen

El hilo conductor de este artículo son las consideraciones sobre la pandemia presentadas por Franco Berardi en *Crónicas de psicodéficação*. El punto de partida de este libro es el encuentro entre el organismo sobreexcitado de la humanidad y uno virus que, procedente del exterior de la máquina capitalista, obligó a los cuerpos a frenar, llevándolos a un estado de psicodéficação. Analizando este estado desde la perspectiva del agotamiento, desde el nihilismo del gran cansancio, caracterizado por Nietzsche, buscamos afrontar el desafío que presenta Berardi: preparar la salida de la pandemia imaginando lo posible. En este ejercicio de pensamiento que, con base en la filosofía nietzscheana, discutimos la noción de educación estética para pensar un contramovimiento hasta el agotamiento.

Palabras clave: Arte. Berardi. Coronavirus. Nihilismo. Nietzsche.

Ai de nós! Aproxima-se o tempo em que o homem já não lança a flecha de seu anseio por cima do homem, e em que a corda do seu arco desaprendeu de vibrar!

Eu vos digo: é preciso ter ainda caos dentro de si, para poder dar à luz uma estrela dançante. Eu vos digo: tendes ainda caos dentro de vós. (NIETZSCHE, 2011, p. 18)

Introdução

A pandemia do coronavírus atingiu diretamente a vida de todas as pessoas do planeta, mesmo que de maneira distinta. O vírus rompeu o tecido das relações sociais e econômicas e nos colocou repentinamente diante de outra experiência do tempo e do espaço, em outro ritmo de vida, para o qual não estávamos preparados. A pandemia impulsionou os mais diversos autores a se arriscar a pensar no “calor da hora”, o que pode ser observado pela quantidade de textos, livros, artigos, *lives*, entre outras manifestações que vieram a público nesse período inusitado, dramático e longo. Entre aqueles que assumiram esse risco se encontra o filósofo, agitador cultural e escritor italiano Franco “Bifo” Berardi, que registrou seus pensamentos sobre a pandemia em um diário, publicado posteriormente com o nome de *Crônicas da Psicodeflação*. Segundo Berardi (2020), o que é inédito na crise instaurada pela pandemia do coronavírus é que ela atinge o corpo antes de tudo. Seu ponto de partida é o encontro entre o organismo superexcitado da humanidade e um vírus que vem de fora da máquina capitalista e obriga os corpos a desacelerar. O que se assiste a partir de então é uma queda repentina da tensão, que conduz à psicodeflação, um estado de passivação. O cenário no interior do qual o filósofo italiano desenvolve suas considerações acerca da pandemia evoca a filosofia da cultura presente nos últimos escritos de Friedrich Nietzsche, com seu diagnóstico do niilismo, mesmo que o autor de *Assim Falou Zaratustra* não apareça citado em nenhum momento no diário de Berardi.

Franco Volpi (1999) destaca a situação de desnortamento do homem contemporâneo em meio à ruptura com os valores e conceitos tradicionais, situação instauradora de uma profunda crise de sentido à qual está vinculado o fenômeno do niilismo². O nada sempre acompanhou o pensamento filosófico, mas foi com a obra *Pais e Filhos*, do russo Ivan Turguêniev, que esse termo se popularizou. O tema central desse romance de 1861 é o conflito geracional entre pais e filhos. Os pais são inspirados pelos ideais humanistas tradicionais, enquanto os filhos são movidos pela rebeldia materialista, sem ilusões. O personagem Bazarov é o representante dessa juventude, o herói desse novo tempo, o homem novo, que os mais velhos suspeitam ser um niilista. O mérito de Turguêniev foi a popularização do termo niilismo enquanto categoria de crítica social.

Como defende Volpi (1999), os dois fundadores e principais teóricos do niilismo são Dostoiévski e Nietzsche, o primeiro no campo da literatura, o segundo, no campo da filosofia.

² A palavra niilismo procede, etimologicamente, do latim *nihil* (nada).

Nietzsche foi o "primeiro grande profeta e teórico do niilismo" (VOLPI, 1999, p.8), termo que na segunda metade do século XIX já era um tema comum. Quando se instaura uma crise de sentido, o niilismo, o "hóspede perturbador, conforme a expressão de Nietzsche, já penetrou, furtivamente, em nossa casa" (VOLPI, 1999, p. 16-17). O filósofo de *Além do Bem e do Mal* defende que o niilismo moderno encontra sua gênese no esvaziamento dos valores considerados superiores:

O homem moderno acredita experimentalmente ora num ora noutra valor, para depois esquecê-lo. Cresce sempre mais o círculo dos valores superados e esquecidos. Percebe-se sempre mais o vazio e a pobreza dos valores. É um movimento incessante, apesar de todas as grandes tentativas para detê-lo. No máximo, o homem ousa uma crítica genérica dos valores. Reconhece sua origem. Conhece demais para não crer mais em valor algum. Esse é o phatos, o novo frêmito. Essa é a história dos dois próximos séculos... (NIETZSCHE, 2008, p. 266)

Apesar de a palavra receber um sentido filosófico somente na modernidade, Nietzsche pensa o processo do niilismo como algo cuja gênese é muito mais antiga. Segundo Deleuze, o *niilismo* em Nietzsche assume três metamorfoses, caracterizando-se inicialmente como uma vontade de negar em nome de valores superiores (*niilismo negativo*), depois como uma vontade de negar a existência desses próprios valores superiores (*niilismo reativo*) e, por fim, uma atitude de total indiferença diante de todos os valores (*niilismo passivo*). A primeira forma de niilismo, o *niilismo negativo*, Nietzsche a encontra principalmente na filosofia socrático-platônica e depois no cristianismo, que o filósofo denomina de "platonismo para o 'povo'" (NIETZSCHE, 1992, p. 8). Em ambos, apesar de suas peculiaridades, há uma forma de valorização que se apresenta como manifestação da vontade de negar a vida imanente, o corpo, em nome de valores cuja superioridade é estabelecida metafisicamente. O *niilismo reativo* é a manifestação da vontade de negar esses valores considerados superiores até então. O solo no qual germina essa nova fase do niilismo é a modernidade, cuja dinâmica de desenvolvimento envolve fundamentalmente o confronto com a tradição. Essa negação dos valores considerados superiores não conduz necessariamente a uma mudança, mas pode levar a um estado de paralisia, de indiferença em relação a todos os valores. Conforme argumenta Deleuze, o niilismo pensado por Nietzsche não é "um acontecimento na história e sim o motor da história do homem como história universal" (DELEUZE, 1976, p. 127), sendo a *morte de Deus* não um evento que coloca um fim nessa história, mas o momento no qual o niilismo negativo se transmuta em niilismo reativo e o homem passa a ocupar o lugar da divindade, substituindo a ideia de Deus pelas ideias modernas de progresso, evolução, felicidade para todos, bem da comunidade. No entanto, o niilismo reativo acaba no *niilismo passivo*, o niilismo dos últimos homens. "De Deus ao assassino de Deus, do assassino de Deus aos últimos homens" (DELEUZE, 1976, p.126).

O niilismo dos últimos homens é o mais radical, representa o esgotamento das forças vitais, o grande cansaço. Tendo como fio condutor principal o conceito de psicodetração, lendo-o sob a perspectiva desse niilismo passivo, do grande cansaço, apresentado por Nietzsche, este breve texto procura atender ao chamamento que Berardi apresenta em seu diário: preparar a saída da situação pandêmica imaginando o possível. É nesse exercício de pensamento que traremos à baila a noção de educação estética para pensar em um contramovimento ao esgotamento, a esse grande cansaço. Se o problema do avanço do niilismo é o aspecto mais grave e perigoso para o futuro da cultura, como anunciava Nietzsche no último quarto do século XIX, cabe pensarmos no papel assumido pelos nossos modelos educacionais nesse processo. Nesse quadro diagnóstico, o filósofo da suspeita nos instiga a pensar em uma educação estética, na medida em que seu pensamento encontra justamente na arte o elemento capaz de gerar um contramovimento ao niilismo.

Como sabemos, o termo educação estética aparece na obra de Friedrich Schiller, filósofo que Nietzsche conhecia bem. Em *A educação estética do homem numa série de cartas*, texto datado de 1794, Schiller defende, em um debate direto com a filosofia de Immanuel Kant, que é necessário reconhecer que o homem possui inexoravelmente uma natureza mista, composta de razão e sensibilidade, sendo impossível querer elevá-lo moralmente sem também cultivar a sua sensibilidade. Nesse sentido, a educação estética schilleriana é atravessada pelo esforço de transpor a liberdade subjetiva do juízo estético, advindo da contemplação desinteressada, em uma liberdade objetiva através do imperativo categórico. Como diz Schiller, o “caminho para a cabeça precisa ser aberto pelo coração [...] a educação do sentimento, portanto, é a necessidade mais urgente de nosso tempo” (SCHILLER, 1991, p.62).

Em um aspecto geral, a educação estética está ligada ao cultivo do sensível e, nesse sentido, também pode ser encontrada na filosofia nietzschiana. No entanto, Nietzsche rompe com as bases a partir das quais Schiller desenvolve o conceito de educação estética. O filósofo ataca a crença em uma razão desalojada do corpo, vinculando-a à longa história do niilismo, e a redução da racionalidade ao intelecto, ao que denomina de “pequena razão”, e elege o corpo como a “grande razão”³. Especificamente, a ruptura ocorre porque Nietzsche critica radicalmente a estética kantiana, em especial a ideia de prazer desinteressado a partir da qual é caracterizada a liberdade subjetiva envolvida na contemplação estética.

Nessa rota, Nietzsche nos possibilita pensar a educação estética em uma nova chave de leitura, à luz de uma reconfiguração da relação humana com sua animalidade, com suas paixões e desejos, o que a coloca em conexão com seu programa de transvaloração dos valores e a dinâmica do

³ Cf. NIETZSCHE, 2011, p.35.

contramovimento ao nihilismo. A pandemia não seria o momento oportuno para observarmos a relevância da educação estética? Neste breve texto buscaremos apresentar argumentos que convidam a pensar nessa questão a partir do cenário apresentado por Berardi em seu diário.

O encontro com o vírus

Em *Crônicas da Psicodetração*, Berardi compartilha seus pensamentos, vivências e impressões acerca da chegada do coronavírus na Itália em fevereiro de 2020. Inicialmente, o filósofo escreve em seu diário até o dia 18 de maio de 2020⁴, arriscando-se a pensar no ritmo dos acontecimentos e, ao mesmo tempo, imaginando os possíveis desdobramentos da pandemia, sem deixar de reconhecer o alto teor de imprevisibilidade que envolve o momento. No dia 28 de fevereiro, Berardi registra: “As recentes convulsões do corpo planetário talvez estejam causando um colapso que obriga o organismo a parar, a desacelerar seus movimentos, a abandonar os lugares lotados e as agitadas negociações diárias” (BERARDI, 2020, p.18-19). Depois de décadas de hiperexcitação, a humanidade estressada, proibida de parar, se depara com um vírus que obriga à estagnação. Diante disso, a questão: “E, se esse fosse o caminho que não podíamos encontrar, e agora ele nos viesse na forma de uma epidemia psíquica, um vírus linguístico gerado por um biovírus?” (BERARDI, 2020, p. 18-19). Prosseguindo, o filósofo escreve no dia 2 de março de 2020:

Um vírus semiótico na psicosfera bloqueia o funcionamento abstrato da máquina, porque os corpos desaceleram seus movimentos, finalmente desistem da ação, interrompem a intenção de governar o mundo e deixam o tempo retomar seu fluxo no qual nadamos passivamente, segundo a técnica de natação chamada “fingindo de morto”. O nada, então, engole uma coisa após outra; ao mesmo tempo, no entanto, dissolve-se a ansiedade de manter unido aquele mundo que mantinha o mundo unido. Não há pânico, não há medo, só silêncio. A rebelião se mostrou inútil, então vamos parar. [...]

O efeito do vírus, porém, não é tanto o número de pessoas que ele debilita ou o número de pessoas que mata. O efeito do vírus está na paralisia das relações que espalha. A economia mundial há muito tempo encerrou sua curva de expansão, mas não conseguíamos aceitar a ideia de estagnação como um novo regime de longo prazo. Agora, o vírus semiótico está nos ajudando a fazer a transição para a imobilidade. (BERARDI, 2020, p.19-20)

Os corpos desaceleram e, por fim, desistem de agir, se tornam passivos diante do fluxo do tempo, fingem-se de mortos. Se o efeito principal do vírus é a paralisia das relações que dissemina e considerando também que, segundo Berardi, o capitalismo já se encontra em uma “estagnação

⁴ Em *Crônicas da Psicodetração*, Berardi insere um *Post-Scriptum* em que dá prosseguimento ao seu diário até o dia 30 de maio.

irremediável” há muito tempo, cabe perguntar para onde essa paralisia nos conduzirá, tendo em vista que não estávamos preparados culturalmente para a estagnação. No dia 4 de março, o filósofo registra:

Este é o momento certo? Não sabíamos como nos livrar do polvo, não sabíamos como nos livrar do cadáver do Capital. Viver naquele cadáver infectava a existência de todos, porém agora o choque é um prelúdio da deflação psíquica definitiva. No cadáver do Capital, fomos submetidos à superestimulação, ao aceleração constante, à competição generalizada e à exploração excessiva com salários em queda. Agora o vírus esvazia a bolha da aceleração. (BERARDI, 2020, p. 22)

Berardi observa o potencial transformador da paralisia gerada pelo vírus vindo de fora da máquina capitalista, em um momento da história em que as crenças políticas na própria possibilidade de modificação do sistema se enfraqueceram, em que essa máquina já em colapso procura incitar os trabalhadores, superexcitá-los, para que continuem correndo. Justamente em um momento histórico em que “o cérebro político não tem mais nenhum poder sobre a realidade” e a revolução assim deixa de ser uma ideia concebível, o vírus inesperadamente promove outra espécie de revolução, uma “revolução sem subjetividade, puramente implosiva, uma revolta de passividade, de resignação” (BERARDI, 2020, p.22). O vírus então poderia realizar o que a vontade política não conseguiu. Porém, salienta Berardi: “[...] essa saída precisa ser preparada imaginando o possível, agora que o inesperado rompeu a tela do inevitável” (BERARDI, 2020, p. 23). No dia 5 de março de 2020, o filósofo escreve em seu diário pandêmico:

Pela primeira vez, a crise não provém de fatores financeiros, nem mesmo de fatores estritamente econômicos, do jogo de oferta e demanda. A crise vem do corpo.

Foi o corpo que decidiu diminuir o ritmo. A desmobilização geral provocada pelo coronavírus é um sintoma de estagnação, antes mesmo de ser a sua causa.

Quando falo do corpo, refiro-me à função biológica como um todo, refiro-me ao corpo físico que adoece – mas também, e acima de tudo, refiro-me à mente, que por razões que nada têm a ver com o raciocínio, com a crítica, com a vontade, com a decisão política, entrou numa fase de profunda passivação.

Cansada de processar sinais muito complexos, deprimida depois da excitação excessiva, humilhada pela impotência de suas decisões diante da onipotência do autômato técnico financeiro, a mente baixa a tensão. Não que tenha tomado alguma decisão. É a repentina queda da tensão que decide por todos. Psicodeflação. (BERARDI, 2020, p. 23-24)

Segundo Berardi, o que é inédito na crise gerada pelo coronavírus é que ela não vem estritamente de aspectos financeiros e econômicos e sim do corpo. O corpo diminui o ritmo e entra em estado de passivação e é esse o fator primordial da crise. O corpo físico adoece e a mente baixa a tensão, o que, como destaca o filósofo, nada tem a ver com a crítica, nem com a vontade, o raciocínio e a política. Tal distensão se deve à depressão, ao cansaço advindo da tensão excessiva, da

superexcitação, da impotência diante da máquina capitalista, do sistema tecnofinanceiro. O que ocorre é uma queda repentina da tensão, graças à desaceleração. A passivação é o produto de um estado psíquico gerado por essa desaceleração, que Berardi denomina de psicodetração. Mas o que ocorrerá quando a pandemia acabar, ou, ao menos, amenizar? Aceitemos o desafio de Berardi, imaginar o possível para preparar a saída. Nesse exercício, dialogaremos, como já dito, com a filosofia da cultura de Friedrich Nietzsche, que, especialmente em suas últimas obras, já encontrava na hiperexcitabilidade um dos principais traços da cultura moderna, que nesse contexto de sua produção é avaliada sob a ótica do desenvolvimento do niilismo.

O niilismo e a psicodetração pandêmica

Um dos aspectos mais marcantes da teorização nietzschiana do niilismo em seus últimos escritos é a abordagem de sua dinâmica sob a perspectiva da fisiologia. O niilismo mais radical, que aparece em *Assim Falou Zaratustra* como o niilismo do *último homem*, aquele para o qual a morte de Deus representa o fim de todas as esperanças, aquele que perdeu a capacidade de criar, o sintoma mais agudo do empobrecimento da vida e do esgotamento da própria cultura, caracterizado como o niilismo do grande cansaço, é avaliado fisiologicamente a partir da concepção de *décadence*.

Na construção dessa concepção, Nietzsche se inspira, entre outros autores, no conceito de degenerescência do médico francês Charles Féré (1852-1911). Segundo Féré, com o aumento da degenerescência vital de uma espécie, seu grau de excitabilidade também se torna maior. O degenerado é mais suscetível às excitações vindas de fora, pois se encontra num constante estado de equilíbrio instável, em que qualquer toque já é o suficiente para alterá-lo. Quanto mais degenerado, mais excitável, sensível e irritável será um organismo. Disso advém um dos principais traços do degenerado: a *incapacidade de não reagir*. Essa incapacidade advinda da *hiperexcitabilidade* conduz a um quadro de exaustão.

Féré parte da ideia de que existe uma relação fundamental entre a intensidade das representações mentais e a energia despendida em um movimento físico (mecânico, muscular, químico etc.). As representações mentais podem ser entendidas como respostas às excitações vindas do exterior, sendo assim o grau de intensidade dessas representações é proporcional à suscetibilidade a estas excitações, ou seja, ao grau de excitabilidade. Os indivíduos mais degenerados apresentam representações mentais mais intensas, pois seu grau de excitabilidade é maior, eles sentem de maneira exagerada as excitações externas, enquanto os não degenerados sentem-nas de maneira moderada. Como consequência, a resposta que os combalidos dão às excitações é desproporcional, o que acaba conduzindo a um desperdício de força e ao esgotamento. Na medida em que o indivíduo ou uma raça

se enfraquece, segundo Féré, necessita cada vez mais de excitação, o que, por sua vez, conduz passo a passo ao esgotamento. Estamos diante de um círculo vicioso: quanto mais necessidade de excitação, mais esgotamento. Para Féré, a reação imediata, não inibida, diante da excitação, possui consequências negativas, é uma patologia.

Inspirado pelos escritos de Féré na construção de seu conceito de *décadence*, Nietzsche encontrou uma maneira de pensar o niilismo moderno, do grande cansaço, em uma perspectiva fisiológica. Nessa chave de leitura, o cansaço, o esgotamento, pode ser pensado a partir da incapacidade fisiológica de não reagir imediatamente aos estímulos. Na medida em que se encontram em estado de esgotamento de suas energias vitais, os combalidos, para desfrutar por algum tempo do aumento de suas forças, precisam ser alvos de estímulos exteriores cada vez mais intensos, como os que produzem estados de exaltação, de êxtase. No entanto, essa necessidade de estimulação cada vez mais intensa é seguida por um quadro de depressão, de exaustão, também cada vez maior.

A relação entre o avanço do niilismo e o excesso de estimulação, a hiperexcitação, é extremamente relevante para se pensar no mundo moderno e contemporâneo. Se Nietzsche se apresentava como um extemporâneo, por ver antecipadamente fenômenos que se desenrolariam em toda a sua radicalidade no futuro, sem dúvida, no que se refere a esse diagnóstico, podemos encontrar motivos para lhe dar razão. Podemos observar como na atualidade os corpos das crianças, dos adultos, e também dos mais idosos, estão expostos à estimulação constante através dos meios de comunicação, da indústria cultural, dos telejornais, dos filmes comerciais, das redes sociais, da propaganda, entre diversos outros meios. Se nos fiarmos na perspectiva nietzschiana, essa hiperexcitação nos conduz ao esgotamento, ao grande cansaço, ao niilismo mais mortífero, ao enfraquecimento extremo das potências vitais, que nos tornam incapazes de criar novos valores, novos sentidos, novas formas de viver. Essa forma de niilismo se caracteriza pela paralisia, e é apresentada de maneira dramática na narrativa de *Assim Falou Zaratustra* através da doutrina do Adivinho, como o niilismo do último homem. Diz o Adivinho:

– e vi descer sobre os homens uma grande tristeza. Os melhores entre eles se cansaram de suas obras.

Uma doutrina surgiu, acompanhada de uma fé: ‘Tudo é vazio, tudo é igual, tudo foi!’.

E de todos os montes ecoou: ‘Tudo é vazio, tudo é igual, tudo foi’. (NIETZSCHE, 2011, p. 127)

As palavras do Adivinho anunciam uma época marcada pelo niilismo mais radical, pelo desespero gerado pelo grande cansaço da humanidade, por aquilo que Nietzsche caracteriza como “pathos do em vão”, o verdadeiro *pathos* do niilista filósofico quando se convence de que todo

acontecimento carece de sentido⁵. O Adivinho diz acerca do grande cansaço: “Em verdade, ficamos cansados demais para morrer, ainda estamos acordados e prosseguimos vivendo – em sepulcros!” (NIETZSCHE, 2011, p.128). A profecia do Adivinho produz um efeito aterrador em Zarathustra, que vagava triste e cansado, a tal ponto que ele se torna igual àqueles que o tenebroso personagem descrevia com seu ensinamento. Diante da profunda tristeza que lhe toma, Zarathustra se volta aos seus discípulos manifestando-lhes primeiramente sua preocupação acerca de como salvar sua luz desse “longo crepúsculo” que breve se abaterá sobre os homens. Como observa Lampert (1986), Zarathustra reconhece imediatamente a verdade dos ensinamentos do Adivinho, passando a entender através dele o significado do niilismo para a história da humanidade, causando um afastamento das expectativas esperançosas de progresso que exibira até então.

Em nossa perspectiva, esse quadro diagnóstico nietzschiano é bastante fecundo para pensar na abordagem de Berardi acerca da pandemia do coronavírus. Como diz o filósofo italiano, a psicodetração é um estado gerado pela distensão que se segue à desaceleração, o que por sua vez acaba por produzir uma situação de paralisia, uma desistência da ação, uma passivação. Não seria então essa psicodetração um sinal de que caminhamos em direção ao niilismo do grande cansaço, como dramaticamente profetizava o Adivinho? Como vimos, Berardi identifica um potencial transformador nessa paralisia, ao passo que na perspectiva nietzschiana essa transição da desaceleração para a passivação seria um sintoma de que estaríamos a ingressar perigosamente em uma nova fase do niilismo, ainda mais radical, o niilismo passivo.

Porém, cabe ressaltar que, em diálogo com o pensamento nietzschiano, a desaceleração pode ser tomada como um dos elementos propiciadores de um contramovimento ao niilismo do grande cansaço. Para isso, no entanto, é necessário aprender a desacelerar, a reagir lentamente. É na caracterização desse aprendizado que encontramos elementos para pensar em uma educação estética nos escritos derradeiros de Nietzsche.

A educação estética a o contramovimento ao niilismo

1- O reagir lento e a espiritualização das paixões

Em *Crepúsculo dos Ídolos* podemos observar como as considerações de Nietzsche acerca da educação dialogam com esse cenário de avanço do niilismo da hiperestimulação, do esgotamento, e

⁵ Cf. NIETZSCHE, 2008c, p. 394.

com a necessidade de gerar um contramovimento. Nietzsche lista três tarefas para as quais os educadores são necessários. Especialmente na caracterização da primeira, podemos observar como esse diálogo aparece explicitamente e de maneira extremamente relevante.

Deve-se aprender a *ver*, aprender a *pensar*, aprender a *falar* e escrever: o objetivo, nos três casos, é uma cultura nobre. — Aprender a *ver* — habituar o olho ao sossego, à paciência, a deixar as coisas se aproximarem; adiar o julgamento, aprender a rodear e cingir o caso individual de todos os lados. Esta é a *primeira* preparação para a espiritualidade: não reagir de imediato a um estímulo, e sim tomar em mãos os instintos inibidores, excludentes. Aprender a *ver*, tal como o entendo, é aproximadamente o que a linguagem não filosófica chama de vontade forte: o essencial aí é *não* “querer”, ser *capaz* de prorrogar a decisão. Toda não espiritualidade, toda vulgaridade se baseia na incapacidade de resistir a um estímulo — *tem-se* que reagir, segue-se todo impulso. Em muitos casos, esse “ter que” já é enfermidade, declínio, sintoma de esgotamento — quase tudo o que a crueza não filosófica designa como “vício” é apenas essa incapacidade fisiológica de *não* reagir. — Uma aplicação prática do ter aprendido a *ver*: como “aprendente” a pessoa se torna lenta, desconfiada, recalcitrante. (NIETZSCHE, 2017, p. 49)

Como podemos observar nessa passagem, aprender a *ver* é tornar-se paciente, adiar a decisão, habituar o olho ao sossego, o que requer o desenvolvimento da capacidade de não reagir imediatamente aos estímulos, de reagir lentamente. Ou seja, essa tarefa educacional está profundamente conectada com a economia da reação nietzschiana envolvida na caracterização do niilismo a partir de uma perspectiva fisiológica. O que está em jogo não é a não reação, mas o tempo de resposta aos estímulos. Nesse ponto, podemos estabelecer uma relevante conexão entre essa tarefa educacional e o que Nietzsche caracteriza como uma arte que triunfa sobre a impaciência, sendo seu principal exemplo a música de Bizet. No início de *O caso Wagner* (1888), Nietzsche descreve sua experiência estética com *Carmen*, a célebre obra do músico francês.

Ontem – vocês não acreditarão? – ouvi pela vigésima vez a obra-prima de Bizet. Fiquei novamente até o fim, com suave devoção, novamente não pude fugir. Esse triunfo sobre minha impaciência me espanta. Como uma obra assim aperfeiçoa! Tornamo-nos nós mesmos “obra-prima”. (NIETZSCHE, 1999, p. 11)

Nietzsche descreve sua experiência estética com uma forma de arte que triunfa sobre a impaciência, o que a aproxima da tarefa educacional de aprender a reagir lentamente. Mas, como ocorre esse triunfo? Para responder a essa pergunta, observemos mais de perto a contraposição nietzschiana entre a arte de Bizet e a de Richard Wagner. Como descreve Nietzsche em *O caso Wagner*, a arte de efeitos wagneriana mina as resistências, com o objetivo de tornar seu auditório extremamente suscetível, vulnerável às excitações. Através de sua arte, o músico torna doentes seus ouvintes para depois lhes oferecer uma terapêutica, um bálsamo, que atua como um narcótico para nervos cansados, cria uma dependência cada vez maior e aumenta a exaustão. Na arte wagneriana se apresenta uma “superexcitação do mecanismo nervoso” em que se misturam sedutoramente os “três

grandes estimulantes dos exaustos: o elemento brutal, o artificial e o inocente (idiota)” (NIETZSCHE, 1999, p. 19). O compositor de Bayreuth se apresenta então como uma corrupção da música, fazendo da arte dos sons “um meio para excitar nervos cansados” (NIETZSCHE, 1999, p. 19).

Em meados de abril de 1886, Nietzsche escreve uma carta a Carl Fuchs dizendo que *Carmen* foi a última obra que assimilou profundamente, acrescentando que Bizet “tem o dom da melodia” (NIETZSCHE *apud* BARROS, 2010, p. 133). Na continuidade da carta, o filósofo abre uma discussão acerca do que caracteriza como declínio do sentido melódico entre os músicos alemães, vinculando-o à “atenção cada vez maior ao gesto particular do afeto”, à “habilidade cada vez maior na execução do individual, nos expedientes retóricos da música, na arte do ator, em configurar o momento da maneira mais convincente possível [...]” (NIETZSCHE *apud* BARROS, 2010, p. 133). Nietzsche aponta para a ambiguidade rítmica da melodia infinita wagneriana como um sinal de dissolução ligada à perda do sentido de totalidade na música, pois a “parte assenhora-se do todo, a frase da melodia, o instante do tempo (e também do tempo musical) [...]” (NIETZSCHE *apud* BARROS, 2010, p. 133).

O filósofo afirma que o que começa a perceber é uma mudança de perspectiva na música, em que o “particular é visado de um modo excessivamente acurado, ao passo que o todo é visto de uma maneira demasiadamente obtusa” (NIETZSCHE *apud* BARROS, 2010, p. 133). Nietzsche compreende essa mudança como *décadence*, destacando que o gosto decadente se extrema do grande estilo, caracterizado, por sua vez, como “a máxima intensificação da arte da melodia” (NIETZSCHE *apud* BARROS, 2010, p. 133). Além da hiperestimulação que conduz ao esgotamento, outra faceta da *décadence* é a perda do sentido de totalidade, a incapacidade de criar a partir do todo, a emancipação da parte, do mínimo, do detalhe, que Nietzsche denomina, posteriormente, em *O caso Wagner, de decadence literária*⁶.

É a partir das considerações nietzschianas acerca da obra de Wagner que podemos observar de maneira paradigmática a conexão entre as duas facetas da *décadence*: a superexcitação e a perda do sentido de totalidade. É vivificando as partes, se concentrando no gesto individual, que a arte wagneriana produz efeitos. Como diz Nietzsche, a habilidade do criador de *Parsifal* acaba justamente na forma como trabalha com os gestos, com o mínimo, pois seu modo de desenvolver, de “entrelaçar o que não se teceu naturalmente” (NIETZSCHE, 1999, p. 23), é extremamente pobre. Um corpo superexcitado, que requer ser estimulado a cada instante, perde o sentido de totalidade, porque a hiperestimulação fixa a experiência no instante. Nietzsche defende que na base dos efeitos produzidos pela arte wagneriana, nas “causas do extremo esgotamento” que propicia, se encontra justamente o

⁶ Cf. NIETZSCHE, 1999, p. 23

seu “sentido de tempo” (NIETZSCHE, 2008c, p. 628). Para ele, a melodia infinita wagneriana se apresenta como maior exemplo da degenerescência do sentido rítmico em Wagner, quebrando as referências temporais do ouvinte, promovendo a experiência de um tempo congelado, de um presente imóvel que se prolonga no tempo. Já acerca de *Carmen*, o filósofo diz em *O caso Wagner*: “É rica. É precisa. Constrói, organiza, conclui: assim é o contrário do pólipo na música, a ‘melodia infinita’” (NIETZSCHE, 1999, p.12). O filósofo identifica na música de Bizet justamente um contramovimento ao declínio do sentido melódico, à autonomização do instante, à perda do sentido de totalidade na música.

Para observarmos a relação entre o sentido de totalidade e a arte da melodia, e assim nos aproximarmos da abordagem nietzschiana, é importante considerar alguns aspectos da escuta musical. O tom individual apresenta uma relação com aquele que o precede, com o passado da obra, mas somente pode ser ouvido no presente, tanto que se alguém se esforçar para trazer à consciência o tom imediatamente anterior da melodia que está ouvindo, não somente perde o fio melódico, mas anula a própria possibilidade de escuta musical. O tom individual também exibe uma relação com aquele que o sucede, pois apresenta uma expectativa. Na consciência do tom presente há uma conexão entre passado e futuro, não como passado específico ou eventos futuros. O passado é preservado na própria força que forma o momento presente enquanto o futuro é presente devido ao sentido de direção. Há, então, uma simultânea conscientização do passado e do futuro que é parte da experiência do próprio presente musical que, se corretamente vista, é o sentido de uma totalidade na qual o momento presente é parte daquilo que é imediatamente experimentado. É justamente o discurso melódico que torna possível essa experiência da totalidade. Dessa forma, na escuta musical, o tom individual exibiria uma relação com a totalidade da obra da mesma forma que o instante exibiria uma relação com a totalidade do tempo.

A partir da economia da reação nietzschiana, podemos dizer que a escuta da melodia requer a inibição da resposta imediata aos estímulos, que fixa a experiência no instante, imóvel, que promove a presentificação do tempo, e o direcionamento da atenção aos nós, aos encadeamentos, ao sentido de totalidade, gerando assim o alongamento da resposta aos estímulos. Dessa forma, deixar-se envolver pelo discurso melódico pode se apresentar como uma forma de aprender a não reagir imediatamente aos estímulos. A partir da caracterização nietzschiana da obra de Bizet, podemos dizer que a arte que triunfa sobre a impaciência é aquela que ensina a reagir lentamente e, dessa forma, podemos pensar em uma educação estética nietzschiana a partir da economia da reação que se apresenta em seus últimos escritos, e como se vincula ao que o filósofo compreende como contramovimento ao niilismo.

Como vimos na passagem citada de *Crepúsculo dos Ídolos*, a inibição da reação imediata, a reação lenta, é entendida como a “primeira preparação para a espiritualidade”. Mas qual é o sentido dessa formulação nietzschiana? Encontramos respostas para essas perguntas na medida em que observamos o conceito de *espiritualização das paixões*, apresentado também nessa obra de 1888.

Aniquilar as paixões e os desejos apenas para evitar sua estupidez e as desagradáveis consequências de sua estupidez, isso nos parece, hoje, apenas uma forma aguda de estupidez. Já não admiramos os dentistas que *extraem* os dentes para que eles não doam mais... Com alguma equidade se deve admitir, por outro lado, que o conceito de “*espiritualização da paixão*” não podia absolutamente ser concebido no solo do qual brotou o cristianismo [...] — A Igreja combate a paixão com a extirpação em todo sentido: sua prática, sua “cura” é o castracionismo. Ela jamais pergunta: “Como espiritualizar, embelezar, divinizar um desejo?” — em todas as épocas, ao disciplinar, ela põe a ênfase na erradicação (da sensualidade, do orgulho, da avidez de domínio, da cupidez, da ânsia de vingança). — Mas atacar as paixões pela raiz significa atacar a vida pela raiz: a prática da Igreja é *hostil à vida...* (NIETZSCHE, 2017, p. 27)

Nietzsche diferencia a *espiritualização das paixões e dos desejos* de sua erradicação, que seria o alvo do *castracionismo*, como ele denomina, praticado pela Igreja. Se no solo onde brotou o cristianismo essa espiritualização não poderia ter se desenvolvido, o que se assiste em sua época, como acrescenta o filósofo, é uma mudança de perspectiva na medida em que a crença nessa extirpação como forma de evitar a estupidez das paixões e os desejos se apresenta, ela mesma, como uma estupidez. As paixões e os desejos estão enraizados na própria vida, e assim, extirpá-los é aniquilar a própria vida. O castracionismo se apresenta então como uma prática hostil à vida. Em outra passagem de *Crepúsculo dos Ídolos*, o filósofo afirma que os métodos radicais de aniquilamento das paixões e dos desejos, como é o caso do castracionismo, atendem à necessidade dos degenerados.

O mesmo recurso, a mutilação, a erradicação, é instintivamente escolhido, na luta contra um desejo, por aqueles que são muito fracos de vontade, muito degenerados para poder impor-se moderação nele: por aquelas naturezas que têm necessidade de La Trappe, falando por metáfora (e sem metáfora —), de alguma definitiva declaração de hostilidade, de um abismo entre si mesmas e uma paixão. Os meios radicais são indispensáveis somente para os degenerados; a fraqueza da vontade ou, mais exatamente, a incapacidade de não reagir a um estímulo, é ela mesma apenas outra forma de degenerescência. A hostilidade radical, a inimidade mortal à sensualidade é um sintoma que faz pensar: justifica especulações sobre o estado geral de alguém tão excessivo [...]. (NIETZSCHE, 2017, p.28)

Nietzsche associa mais uma vez a figura do degenerado com a incapacidade de não reagir a um estímulo, acrescentando que é justamente devido a essa incapacidade que ele necessita de métodos radicais de extirpação dos desejos e das paixões. A partir disso, podemos afirmar que aprender a não reagir imediatamente aos estímulos é uma preparação para a espiritualização das paixões e dos desejos. Na medida em que essa espiritualização requer uma vontade forte e a incapacidade de não

reagir conduz ao esgotamento, o reagir lentamente é o que permite o acúmulo de forças. A partir do acúmulo de forças é possível espiritualizar até mesmo as paixões mais estúpidas, os afetos e os desejos considerados mais deprimentes. Cabe ressaltar que Nietzsche usa muitas vezes a palavra embelezamento (*Verschönerung*) para se referir a essa espiritualização das paixões, o que remete ao desenvolvimento de sua fisiologia da arte em seus escritos derradeiros, nos quais esse termo também aparece associado ao acréscimo de forças. Como diz Nietzsche, o “embelezamento é uma consequência de um acréscimo de força”, é a “expressão de uma vontade vitoriosa, de uma coordenação intensificada, de uma harmonização de todas as apetências fortes, de uma força de gravidade infalivelmente perpendicular” (NIETZSCHE, 2008c, p.555).

2-O embelezamento e o arco com a grande tensão

Em *Genealogia da Moral*, Nietzsche afirma que, apesar de Kant apresentar uma estética da recepção e não do ponto de vista do artista criador, foi seu profundo desconhecimento do espectador que o levou à célebre formulação de que o belo é o que apraz sem interesse. Analisando a recepção schopenhaueriana da estética kantiana, o filósofo encaminha o debate estético na direção de uma abordagem fisiológica. Schopenhauer interpreta o prazer estético desinteressado como o que promove uma cessação do desejo sexual, como uma espécie de calmante da vontade. Nesse sentido, o filósofo questiona se não seria um erro Schopenhauer se considerar kantiano, pois ele de modo algum teria entendido o conceito kantiano de belo, na medida em que ele mesmo seria movido por um interesse em relação a esse conceito: livrar-se de sua vontade, da pressão do querer. Nietzsche problematiza a ideia de que a sensualidade é suspensa no estado estético, afirmando que o que efetivamente ocorre nesse estado é sua transfiguração. O filósofo então anuncia ao seu leitor que retornará a essa questão adiante, quando trouxer à baila o que denomina de “fisiologia da estética”⁷.

Nesses escritos posteriores, Nietzsche defende que a força e a sensualidade são os atributos do artista, a própria atividade de criação artística é associada à fecundidade, à força de procriação. A gênese da arte se encontra tanto no fazer-perfeito (*Vollkommen-machen*) quanto no ver-perfeito (*Vollkommen-sehen*), o que por sua vez é “próprio do sistema cerebral sobrecarregado com forças sexuais” (NIETZSCHE, 2008, p. 228), diretamente vinculado ao estado fisiológico da embriaguez. Esta, caracterizada como condição fisiológica da arte, é entendida como elevação do sentimento de força, principalmente ligada à sexualidade, e tem como consequência o *embelezamento*. O que é

⁷ O desenvolvimento e o aprofundamento dessas considerações fisiológicas da arte se encontram em vários escritos que o filósofo dedica ao fenômeno artístico no terceiro período de sua produção, principalmente no material não publicado. Em razão do colapso que interrompeu sua vida lúcida, estes escritos permaneceram dispersos entre os demais. No material publicado, as considerações fisiológicas da arte aparecem principalmente na seção “Incursões de um intempestivo” de *Crepúsculo dos ídolos*.

essencial na embriaguez, não importa de qual tipo, é o “sentimento de acréscimo da energia e de plenitude” (NIETZSCHE, 2017, p. 54). O homem torna as coisas perfeitas, embeleza, e a visão da beleza desperta seus instintos animais, é uma “bem-aventurança afrodisíaca” (NIETZSCHE, 2008c, p. 228).

A arte nos recorda os estados de *vigor* animal; de um lado, é um excedente e uma exalação da corporeidade florescente no mundo das imagens e dos desejos; de outro lado, um estímulo às funções animais mediante imagens e desejos da vida ascendente; - uma elevação do sentimento de viver, um estimulante desse sentimento. (NIETZSCHE, 2008c, p. 266)

Como diz o filósofo, a arte nos faz recordar nosso vigor animal e essa lembrança atua como um tônico do sentimento de vida. Nietzsche caracteriza o estado estético como uma “mistura delicada de bem-estar e desejos animais” (NIETZSCHE, 2008c, p. 265). Como diz o filósofo em *Crepúsculo dos Ídolos*: “No belo, o ser humano se coloca como medida da perfeição” (NIETZSCHE, 2017, p.59). Os juízos estéticos são concebidos como fonte de toda elevação e tonificação da vida, como “ vaidade de espécie” (NIETZSCHE, 2017, p.60).

Nessas considerações nietzschianas acerca da arte é apresentada uma resposta ao itinerário descrito na *Genealogia da Moral*, itinerário de afastamento do homem de seu passado animal, que está na raiz do que o filósofo denomina de *má consciência*. Nessa obra de 1887, a má consciência é apresentada como produto da passagem do estado de natureza, de uma condição em que o homem vivia de acordo com seus impulsos reguladores, ou seja, orientado em sua existência como todo e qualquer animal, para um estado em que se viu obrigado a viver em sociedade. Nessa nova condição, o humano passou a depender de sua consciência e não mais destes “impulsos reguladores”, porém, tendo em vista que seus “velhos instintos” não deixaram de lhe fazer exigências, foi necessário buscar novas formas de satisfação. Vivendo em sociedade, sob o domínio do “Estado”, o homem selvagem, livre e errante teve que voltar seus instintos contra si mesmo. O que se assiste a partir de então é um processo que Nietzsche denomina de interiorização do homem, um voltar-se para dentro dos instintos diante da impossibilidade de descarregá-los para fora. O mundo interior começa a se expandir como fruto dessa inibição dos impulsos. Nesse processo de interiorização encontra-se a origem da má consciência, “a maior e mais sinistra doença, da qual até hoje não se curou a humanidade, o sofrimento do homem com o homem, consigo” (NIETZSCHE, 1998, p. 73). Como diz Nietzsche:

[...] com uma alma animal voltada contra si mesma, tomando partido contra si mesma, algo tão novo surgia na terra, tão inaudito, tão profundo, enigmático, pleno de contradição e de *futuro*, que o aspecto da terra se alterou substancialmente. (NIETZSCHE, 1998, p. 74)

Nessa genealogia da má consciência, a figura do sacerdote ascético tem um papel fundamental e determinante. O sacerdote ascético “é a encarnação do desejo de ser outro, de estar em outro lugar, é o mais alto grau desse desejo” (NIETZSCHE, 1998, p. 110), tornando-se o pastor e o médico dos malogrados. A felicidade por ser assim como se é se apresenta como um sentimento que Nietzsche associa à velha moral dos nobres, que os distingue do ressentimento dos escravos. Conforme nos apresenta o filósofo em *Genealogia da Moral*, a história é marcada pelo confronto entre duas classes de aristocratas, os sacerdotes e os guerreiros, que expressam dois modos distintos de valorar. Enquanto os últimos valorizam a guerra, os primeiros se configuram como uma espécie de homens de natureza contemplativa para os quais o combate não é bom negócio, pois não possuem uma saúde vigorosa. Dessa forma, os sacerdotes somente poderiam vencer os seus opositores transvalorando seus valores, sendo essa transvaloração, segundo Nietzsche, um “ato da mais espiritual vingança” (NIETZSCHE, 1998, p. 26). Com a ascensão dos sacerdotes como classe dominante, tem início uma rebelião escrava na moral, em que o ressentimento se torna a dinâmica dominante de criação de valores. Os homens que passam a criar valores são os incapazes de reagir efetivamente, sendo assim, essa transvaloração expressa, antes de tudo, uma vingança imaginária.

Da má consciência à vida ascética e à transvaloração dos valores nobres, esse é o solo a partir do qual se desenvolve o niilismo. Podemos observar como a distinção entre espiritualização das paixões e castracionismo se articula com esse quadro de desenvolvimento do niilismo a partir da má consciência. Porém, cabe destacar que Nietzsche revê sua caracterização do comportamento nobre apresentada em *Genealogia da Moral*. Nessa obra de 1887, o fenômeno do ressentimento está ligado à não reação. Nietzsche defende que quando o ressentimento aparece no homem nobre, ele “se consome e se exaure numa reação imediata, por isso não *envenena*” (NIETZSCHE, 1998, p. 31), já no fraco, o ressentimento envenena justamente pela não reação. Nas obras posteriores à *Genealogia*, inspirado em Féré, a reação imediata, ao invés de antídoto ao ressentimento, passa a ser entendida como patológica, ligada ao quadro diagnóstico da degenerescência. Em *Crepúsculo dos Ídolos*, Nietzsche vê com desconfiança a reação imediata e, como vimos, passa a valorizar o reagir lento. Podemos dizer que, com a espiritualização das paixões, Nietzsche procura dar uma resposta à má consciência, não a partir de uma radical desinibição, mas sim por meio do não reagir imediatamente, que permite o aumento da força. Dessa forma, a tarefa educacional de formar o homem forte passa a ser crucial na geração de um contramovimento ao niilismo.

A espiritualização das paixões e dos desejos, ao invés de diminuir, intensifica os sentimentos vitais, produzindo outra relação do humano com sua animalidade. Podemos ler então o conceito nietzschiano de espiritualização das paixões à luz daquilo que Nietzsche concebe como a grande doença humana, a má consciência, e assim identificar sua relação com a ideia de contramovimento

ao niilismo. Nesse cenário, a relação entre o reagir lento e o embelezamento, o aprender a ver e o ver perfeito, nos possibilita pensar em uma educação estética nietzschiana. Nesse sentido, se a educação estética está vinculada às condições que tornam possível o acúmulo de forças, e assim à aparição de seres humanos vigorosos, naturezas nobres, cabe agora destacar um aspecto crucial envolvido nas discussões acerca da formação do homem forte nos escritos de Nietzsche: a tensão.

O conceito de tensão (*Spannung*) está presente na obra de Nietzsche desde o início, recebendo colorações distintas ao longo de sua jornada filosófica. Para Marco Brusotti, trata-se de um tema ligado à caracterização dos grandes homens. A questão é: haveria tensão na grandeza? Nietzsche condena tanto a falta de tensão como seu excesso. Segundo Brusotti, existem três imagens que se configuram como modelos cognitivos para a “estática” e a “dinâmica” da tensão em Nietzsche: o arco, a tempestade e o explosivo⁸. Dentre essas, como acrescenta o intérprete, o arco é a mais importante. A figura do arco é uma referência antiga ao tema da tensão, desde Heráclito de Éfeso. Em uma anotação privada de maio-junho de 1885, Nietzsche afirma: “Eu creio que precisamente o grande homem, o *arco com a grande tensão*, surge da existência dos opostos e de senti-los” (NIETZSCHE, 2008b, p. 774). A figura do arco nos oferece a noção exata do desafio que se apresenta ao grande homem: preservar o máximo de tensão evitando seu excesso bem como sua escassez.

Podemos observar que, desde as obras de juventude, Nietzsche associa o excesso de tensão com a superexcitação, o que se encontra presente tanto nas suas reflexões acerca da educação como da cultura. Em uma anotação do final de 1876 – verão de 1877, Nietzsche apresenta-se temeroso de que a intensificação da “atividade cerebral” promovida pela educação moderna acabe por gerar “uma descendência com nervos superexcitados e até mesmo desequilibrada”, “uma posteridade de desequilibrados e superexaltados” (NIETZSCHE, 2008a, p. 359). Em *Humano, demasiado Humano*, o filósofo aponta o perigo do excesso de tensão gerado pelo “fardo da cultura”⁹. A despeito das grandes perdas que podem advir dela, Nietzsche defende então a distensão dos sentimentos como forma de combate à superexcitação das forças nervosas e intelectuais produzida por esse fardo, entendendo ser essa superexcitação um grande perigo, em especial para a formação de indivíduos cultos. O filósofo encontra na ciência o potencial de gerar essa distensão, na medida em que nos torna mais frios, céticos e indiferentes.

Após *Humano, demasiado Humano*, a superexcitação continua a se apresentar como um grande perigo, mas o afrouxamento da tensão também passa a ser entendido como algo temível. Em *Aurora*, Nietzsche defende o estabelecimento de metas passíveis de serem alcançadas no máximo

⁸ Cf. BRUSOTTI, 2011, p. 32.

⁹ Cf. NIETZSCHE, 2001, p. 169.

tensionamento de forças, como forma de cultivar as tensões¹⁰. Como observa Brusotti, nesse período o filósofo continua defendendo que a ciência trabalhe para o afrouxamento da tensão, mas agora ela deve “ao mesmo tempo contribuir para edificar uma nova tensão” (BRUSOTTI, 2011, p. 41-42). Para isso o filósofo apresenta uma nova paixão, a paixão do conhecimento (*Leidenschaft der Erkenntniß*). Apesar do caráter patológico das tensões suscitadas pelo cristianismo, Nietzsche reconhece que ele representou “um dos maiores experimentos de força da humanidade” (NIETZSCHE, 2008a, p. 662). A paixão do conhecimento seria capaz de substituir o tensionamento de forças gerado pelo cristianismo por um novo campo de tensão, agora orientado pela ciência. Nesse contexto de sua trajetória, Nietzsche se apresenta temeroso de uma grande distensão pós-cristã, que pode nos tornar mais debilitados.

Como podemos observar em *Assim Falou Zaratustra*, a morte de Deus pode abrir o caminho para o último homem, para o niilismo do grande cansaço. Zaratustra é um mestre que ensina que essa morte deve ser vivenciada como a ocasião para a geração de uma nova tensão. O *além do humano* é apresentado no início da narrativa como uma meta, um alvo distante, para isso o arco deve ser maximamente tensionado. Em contrapartida, o último homem representa o afrouxamento do arco a tal ponto que não é mais possível produzir uma nova tensão. Zaratustra, como um vidente do futuro, procura justamente se contrapor a esse caminho, convocando a humanidade a aproveitar o momento presente, no qual ainda anseia por algo para além de si mesma, para fixar sua meta, pois deixará de ser um solo fértil e se tornará pobre. No prefácio de *Além do Bem e do Mal*, Nietzsche afirma que a luta contra o cristianismo gerou na Europa uma “magnífica tensão de espírito” (NIETZSCHE, 1992, p.8). Com esse arco agora teso é possível “mirar nos alvos mais distantes” (NIETZSCHE, 1992, p.8), no entanto, o europeu sente essa tensão como miséria, e procura distensionar o espírito.

No último período da produção nietzschiana, o conceito de tensão é pensado no interior da doutrina da vontade de poder, segundo a qual a dinâmica que envolve a relação entre as forças é a luta; acumular forças é potencializar esse embate. Todo acúmulo de forças é gerador de tensão. Nesse contexto, as outras duas imagens da tensão, a tempestade e a explosão, são bastante recorrentes. Os homens comuns são aqueles que sucumbem diante da “multiplicidade dos elementos e a tensão dos antagonismos”, o que por sua vez é entendido como “a precondição para a grandeza do homem” (NIETZSCHE, 2008c, p. 334). O grande homem é aquele que consegue levar ao limite a tensão gerada pelos antagonismos das forças e evitar o seu excesso, assim acumula forças até o ponto em que se faz necessária a deflagração, a grande explosão. Nessa perspectiva, Nietzsche apresenta seu conceito de Gênio em *Crepúsculo dos Ídolos*:

¹⁰ Cf. NIETZSCHE, 2004, p. 278.

Meu conceito de gênio. — Os grandes homens, como as grandes épocas, são materiais explosivos em que se acha acumulada uma tremenda energia; seu pressuposto é sempre, histórica e fisiologicamente, que por um longo período se tenha juntado, poupado, reunido, preservado com vistas a eles — que por um longo período não tenha havido explosão. [...] (NIETZSCHE, 2017, p. 77)

O gênio é produto da preservação, do acúmulo de forças por um longo período, por isso é um material explosivo. Em uma anotação privada de novembro de 1887 – março de 1888, Nietzsche diz:

Da pressão da plenitude, da tensão das forças que constantemente crescem em nós e todavia não sabem descarregar, surge um estado como aquele que precede uma tempestade: a natureza que somos se obscurece. Também isso é pessimismo... Uma doutrina que põe fim a tal estado, ordenando qualquer coisa, uma transvaloração dos valores, graças à qual às forças acumuladas se mostra um caminho, uma direção, de maneira que explodem em raios e ações – de modo algum precisa ser uma doutrina da felicidade: ao liberar a energia que estava comprimida e armazenada até o tormento, proporciona felicidade. (NIETZSCHE, 2008c, p. 377)

Segundo Nietzsche, uma doutrina deve operar como um detonador para forças que crescem em nós sem saber como deflagrar, apresentando uma orientação para essas forças. O filósofo concebe a própria transvaloração dos valores nesses termos. Ela “só pode ser alcançada se existe uma tensão de novas necessidades, de novos-necessitados, que sofrem dos velhos valores sem que isso lhes chegue à consciência...” (NIETZSCHE, 2008c, p. 255-256). Para quem vivenciou tensamente o niilismo, a doutrina da transvaloração dos valores seria capaz de produzir uma deflagração. Dessa forma, o contramovimento ao niilismo através desse transvalorar necessita da formação dos grandes homens.

Cabe acrescentar, por fim, que, se Nietzsche identifica uma arte da *décadence*, para esgotados, que, ao invés de tornar possível o acúmulo de forças, trabalha para o grande cansaço, em seus derradeiros escritos dá continuidade a visceral crítica à educação moderna, voltada à formação de indivíduos gregários, úteis ao Estado. O filósofo também convida a pensar no comprometimento dos educadores com o que denomina ironicamente de “melhoramento” da humanidade, com práticas de cultivo e amansamento, com formas de domesticação levadas a cabo pelo sacerdote ascético, que enfraqueceram e adoeceram o humano¹¹ e arruinaram os homens de exceção.

Depois dessa incursão nos escritos nietzschianos, voltemos ao desafio apresentado por Berardi, imaginar o possível para preparar a saída da pandemia, agora levando em consideração também o horizonte de um contramovimento ao niilismo.

Imaginando o possível

¹¹ Cf. NIETZSCHE, 2017, p.40-41.

No dia 24 de março, Franco Berardi alerta para a crença em um retorno à dita normalidade. “Se pretendermos voltar ao normal, teremos violência, totalitarismo, massacres e a extinção da raça humana até o final do século” (BERARDI, 2020, p. 48). Quando o vírus for embora, os tolos acreditarão que é hora de voltar à normalidade, enquanto “os sábios se preparam para a tempestade maior” (BERARDI, 2020, p.69). É necessário considerar que a saída é reduzir nossos movimentos ao mínimo, desacelerar, ao invés de lutar. Como defende o filósofo italiano, desacelerar ao máximo nossos movimentos é fundamental no enfrentamento das novas tempestades que se seguirão depois da crise instaurada pela pandemia do coronavírus, o que passaria fundamentalmente pelo reconhecimento do esgotamento da potência humana, do poder ilimitado da vontade, que nos inebriou nos tempos modernos. Essa seria a lição que acontecimentos como a pandemia poderiam nos ensinar. Berardi registra em seu diário no dia 18 de abril:

Essa revelação flagrante de impotência da vontade consciente diante do desenvolvimento de eventos macro (como as mudanças climáticas) ou de eventos micro (como a disseminação de vírus), é a lição que deveríamos ser capazes de assimilar e elaborar. (BERARDI, 2020, p. 78)

Berardi nos leva a pensar o que aprenderemos com a pandemia e qual o efeito desse aprendizado sobre a saída dessa situação dramática e os prováveis eventos que nos colocarão na mesma situação de impotência em que nos vemos diante do coronavírus. Em 26 de abril, o filósofo italiano registra:

A pandemia viral de 2020 marca uma passagem, ou melhor, revela uma passagem. É a passagem de um horizonte de expansão que delimitou o olhar da humanidade moderna para o horizonte de extinção, que, de uma maneira ou outra, está destinada a delimitar o horizonte da humanidade por vir. (BERARDI, 2020, p. 89)

Berardi sinaliza para uma mudança de rota, uma passagem, a substituição da crença no progresso pela catástrofe, como mote das ações e do pensamento humano. O futuro deixa de ser o horizonte no qual o progresso se realiza e passa a ser o horizonte no qual a catástrofe se aproxima. No entanto, o filósofo reconhece, ao fim de abril de 2020, que o desejo de voltar à normalidade já superava o medo do contágio pelo coronavírus, se convertendo assim na força predominante. Em sua opinião, essa chamada nova normalidade, porém, será ainda pior do que aquela anterior ao advento da pandemia, pois o distanciamento e a tensão permanente em relação ao outro se somarão à exploração, à precariedade, à diária humilhação econômica já existentes. Sendo assim, o filósofo afirma que essa dita volta à normalidade será logo frustrada, não pelo retorno da pandemia do coronavírus, mas porque o colapso do sistema econômico mundial é iminente. “Por muito tempo a aceleração tecnofinanceira e a precariedade levaram ao esgotamento das energias mentais da humanidade. Agora o mundo parece ter entrado em um estado de fraqueza permanente” (BERARDI, 2020, p. 97).

Esse cenário catastrófico não impede Berardi de acreditar que a crise gerada pela pandemia “produzirá efeitos sociais positivos imediatos” (BERARDI, 2020, p. 115), especialmente devido à desaceleração. No dia 13 de maio registra: “Por mais paradoxal que possa parecer, a passividade é justamente o que vai derrotar o capitalismo, levando-o à morte por asfixia” (BERARDI, 2020, p. 115). Em 18 de maio o filósofo escreve as últimas palavras em seu diário: “Tudo vai ficar instável, como um bando de bêbados em um barco no meio da tempestade em alto-mar. É preciso nos preparar para um longo período de instabilidade e resistência e é preciso fazê-lo imediatamente” (BERARDI, 2020, p.127). O filósofo encerra o diário dizendo: “Na verdade, é o imprevisível que sempre prevalece” (BERARDI, 2020, p.128).

Nesse cenário desenhado por Berardi, apesar do quadro catastrófico e imprevisível, a pandemia do coronavírus poderá produzir bons frutos se ela nos conduzir à tomada de consciência acerca do horizonte de esgotamento da potência humana, e, dessa forma, nos ensinar acerca da necessidade de reduzir nossos movimentos ao mínimo, desacelerar. Esse aprendizado nos tornaria mais aptos para enfrentar as novas tempestades que estão por vir. As considerações de Berardi acerca dos horizontes possíveis corroboram a relevância da leitura que propomos anteriormente, de pensar o cenário pandêmico apresentado pelo filósofo italiano à luz da doutrina nietzschiana do niilismo. Isso porque, entre outros aspectos, o fantasma que ronda o texto de Berardi é o do esgotamento iminente, para não dizer irrevogável, da humanidade. No entanto, se nesse cenário ele projeta a possibilidade de a pandemia do coronavírus nos ensinar sobre a necessidade de desacelerar a partir do reconhecimento da impotência humana, como um adiamento do esgotamento, na perspectiva nietzschiana essa desaceleração, na medida em que reúna as condições para o reagir lento, pode ser pensada no bojo da configuração de um contramovimento. Dessa forma, o filósofo de Zaratustra não somente oferece elementos relevantes para pensar nas considerações de Berardi acerca da pandemia em *Crônicas da Psicodifusão*, mas também nos possibilita imaginar outro horizonte possível a partir do desfecho da situação pandêmica, na medida em que a desaceleração poderia reunir as condições para um contramovimento ao esgotamento. No entanto, a criação de tais condições dependeria da transformação da experiência de desaceleração ocasionada pela pandemia em um processo formativo capaz de nos ensinar a reagir lentamente e, assim, acumular forças.

Discutimos aqui como, a partir dos escritos derradeiros de Nietzsche, as condições para um contramovimento ao niilismo poderiam ser preparadas por uma educação que desenvolvesse a capacidade de não reagir imediatamente aos estímulos, por meio de formas de arte que triunfam sobre a impaciência. Nesse itinerário, ao invés do esgotamento, o que se vislumbra é a transvaloração dos valores, a partir da intensificação das forças vitais que tornam possível a espiritualização, o

embelezamento das paixões. No entanto, observado a partir de uma perspectiva nietzschiana, o desfecho da pandemia projetado por Berardi apresenta indicativos que confirmam nossa hipótese inicial: a queda repentina da tensão que nos levou à psicodelfação pode ser vista à luz do afrouxamento iminente de nosso arco, do grande cansaço. Como já dito, se levarmos em consideração o pensamento nietzschiano, a passivação não possui um aspecto transformador, mas está em consonância com a longa história do niilismo, ou seja, com o caminho decadencial em direção ao esgotamento, o que é dramaticamente retratado na narrativa de *Assim Falou Zaratustra*. Nem a passivação, nem a reação imediata. O que é transformador é o reagir lento, se tomarmos como referência os escritos derradeiros de Nietzsche.

Por fim, cabe acrescentar que, na perspectiva nietzschiana, não é reconhecendo a impotência, a fraqueza humana, que estaremos preparados para as próximas tempestades. Isso não significa dizer que o filósofo defenda o domínio imposto pelo homem moderno sobre a natureza, muito pelo contrário. Nietzsche é um radical crítico dos valores modernos, mas reconhece que a crítica deve ser acompanhada da criação de novos valores, ou melhor, de uma transvaloração. Sem isso, a crítica aos valores modernos pode conduzir a uma radicalização do niilismo, à indiferença em relação a todos os valores, a um estado de profunda passividade. Por isso, a filosofia nietzschiana visa incitar à geração de formas de vida capazes de criar novos valores, sendo que a mudança na relação humana com a natureza se estabelece na medida em que esses valores passam a atribuir sentido à terra. Para dar sentido à terra, no entanto, é necessário eliminar o que nos fez olhar com olho ruim nossa animalidade, é necessário enfrentar a má consciência, os ideais ascéticos, e um dos caminhos apontados por Nietzsche nessa direção é a espiritualização, o embelezamento das paixões e dos desejos, o que requer uma vontade forte.

Diante do caminho decadencial em direção ao esgotamento, Nietzsche nos convida a pensar em uma educação que toma o corpo como fio condutor, que atua na dinâmica dos afetos, das paixões, dos desejos, dos estímulos, que possibilita aumentar nossas forças e mudar nossa relação com a animalidade. Se, como diz Berardi, a crise gerada pela pandemia vem do corpo, antes de tudo, e nesse aspecto se encontra o seu ineditismo, pensar em formas de educação conectadas com o guia corporal se torna fundamental, ainda mais se levarmos a sério o horizonte projetado pelas considerações nietzschianas acerca do niilismo. Diante disso, a relevância da educação estética pode ser oportunamente vislumbrada.

Considerações finais

O anseio em voltar à normalidade, ao “novo normal”, expressão que se tornou corriqueira na pandemia, não nos oferece relevantes indicações de que a experiência da desaceleração forçada pelo vírus ainda não foi, ou possivelmente não será, transformadora? Nesse cenário, entre outros aspectos, cabe considerar também o papel dos meios de comunicação online, da digitalização da vida, nessa experiência de desaceleração forçada pela pandemia. A transposição da vida para as telas dos computadores, para o universo digital das plataformas de interação online, para o *home office*, não impediu em grande parte essa experiência de desaceleração? Se o mundo lá fora inicialmente se desacelerava, para uma parte da sociedade, dentro dos ambientes domésticos, logo se assistia à retomada progressiva da aceleração da vida, com o acúmulo das atividades virtuais, mesmo dentro da situação pandêmica. Para outra parte da população, os trabalhadores precarizados, os pobres, é de se questionar qual foi o efeito psíquico dessa desaceleração forçada, se ela realmente produziu uma queda da tensão, como diz Berardi.

No Brasil, um dos países mais acometidos pela pandemia, a carreta dos ricos protegidos em seus carros, com cartazes contra o isolamento social, o infame discurso do presidente da República acerca da “gripezinha” que estava prestes a nos assolar, a defesa ideológica de remédios sem efeitos contra o vírus, a demora em adquirir vacinas, entre outros acontecimentos estarecedores, já sugeriam que a desaceleração forçada pelo vírus seria incapaz de deter a fúria do nosso “moinho de gastar gente”, lembrando aqui a célebre expressão de Darcy Ribeiro¹². Dessa forma, se realmente houve a queda da tensão pela desaceleração, que nos conduziu a uma infecção psíquica, a um estado de psicodetração, podemos não só dizer que essa contaminação perdurou por um tempo muito menor do que o contágio pelo vírus biológico, mas também questionar a abrangência dessa contaminação. Somos levados a pensar sobre o eventual potencial transformador da psicodetração na pandemia e, conseqüentemente, sobre o fantasma do esgotamento que ronda nossa condição contemporânea.

Se, como diz Berardi, a crise gerada pela pandemia vem primeiramente do corpo, talvez o vírus pudesse nos fazer experimentar, de forma mais potente do que qualquer formulação teórica, aquilo que Nietzsche, o filósofo extemporâneo, havia anunciado como possível na voz de Zaratustra, o vidente do futuro: o caminho decadencial do humano rumo ao grande cansaço e a necessidade de um contramovimento ao niilismo. Nesse cenário de iminente afrouxamento de nosso arco, a saída da pandemia poderia ser o momento no qual vislumbraríamos a necessidade de aprender a nos tornar mais lentos, e assim poupar e acumular forças, o que implica o desenvolvimento de formas de educação extremamente conectadas com o guia corporal. Se a pandemia nos coloca diante da necessidade de desacelerar, cabe pensar se o propósito dessa desaceleração é adiar ao máximo o

¹² Cf. RIBEIRO, 1995, p.106-140.

esgotamento, ou conduzir ao desenvolvimento de práticas educacionais que nos ensinem a ver, a habituar o olho ao sossego, aliadas a experiências estéticas que possibilitem triunfar sobre nossa impaciência e, assim, acumular energia até o momento da grande explosão, momento dionisíaco, quando, diferentemente do homem cansado, extenuado, seremos capazes de parir uma estrela dançante.

Referências

BARROS, Fernando de Moraes. “Desafios da linguagem musical: a correspondência entre Nietzsche e Carl Fuchs” In: **Revista Trágica: Estudos sobre Nietzsche** – Vol. 3 – nº 2 – p.132-141, 2010.

BERARDI, Franco. **Extremo: Crônicas da psicodetração**. São Paulo: UBU, 2020.

BRUSOTTI, Marco. “Tensão: um conceito para o grande e o pequeno”. In: **DISSERTATIO Revista de Filosofia**, vol. 33, p. 35-62. Pelotas, 2011.

DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a Filosofia**. Rio de Janeiro: Ed. Rio, 1976.

DIAS, Rosa Maria. **Nietzsche educador**. São Paulo: Scipione, 1993.

FÉRÉ, Charles. **Sensation et mouvement: études expérimentales de psychomécanique**. Paris: Félix Alcan, 1887.

_____. **Dégénérescence et criminalité: Essai physiologique**. (BN) Paris: Félix Alcan, 1888.

GENIS, Andrea Díaz. “Nihilismo, Pandemia y Educación”. In: **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 45, n. 4, 2020.

LAMPERT, Laurence. **Nietzsche’s Teaching: an interpretation of Thus Spoke Zarathustra**. New Haven e Londres: Yale University Press, 1986.

LARROSA, Jorge. **Nietzsche & a Educação**. Trad. Semíramis Gorini da Veiga. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MÜLLER-LAUTER, Wolfgang. “Décadence artística enquanto decadence fisiológica – a propósito da crítica tardia de Nietzsche a Richard Wagner”. Trad. Scarlett Marton. **Cadernos Nietzsche nº 6** p. 11-30. Departamento de Filosofia da USP. São Paulo, 1999.

_____. **Nietzsche: sua filosofia dos antagonismos e os antagonismos de sua filosofia**. São Paulo: Editora Unifesp, 2009.

NIETZSCHE, Friedrich. **Fragmentos Póstumos (1875-1882). Volumen II**. Traducción, introducción y notas de Manuel Barrios (Universidad de Sevilla) y Jaime Aspiunza (Universidad del País Vasco). Tecnos, 2008a. (Edição espanhola dirigida por Diego Sánchez Meca)

_____. **Fragmentos Póstumos (1882-1885). Volumen III**. Traducción, introducción y notas de Jesús Conill (Universidad de Valencia) y Diego Sánchez Meca (UNED). Tecnos, 2008b. (Edição espanhola dirigida por Diego Sánchez Meca)

_____. **Fragmentos Póstumos (1885-1889). Volumen IV**. Traducción, introducción y notas de Joan B. Llinares (Universidad de Valencia) y Juan L. Vermal (Universidad de las Islas Baleares). Tecnos, 2008c. (Edição espanhola dirigida por Diego Sánchez Meca)

- _____. **Assim Falou Zaratustra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- _____. **Crepúsculo dos Ídolos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- _____. **Além do Bem e do Mal: prelúdio a uma filosofia do futuro**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- _____. **Genealogia da Moral – uma polêmica**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- _____. **O caso Wagner: um problema para músicos / Nietzsche contra Wagner: dossiê de um psicólogo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- _____. **Humano, demasiado Humano**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- _____. **Aurora**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. 11. ed. São Paulo: Cia. Das Letras, 1995.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Edições Almedina, 2020.
- SCHILLER, Friedrich. **Cartas sobre uma educação estética da humanidade**. São Paulo: EPU, 1991.
- VOLPI, Franco. **O niilismo**. São Paulo: Loyola, 1999.
- WAITE, Geoff. **Nietzsche's Corps/e: Aesthetics, Politics, Prophecy, Or, the Spectacular Technoculture of Everyday Life**. Durham, NC: Duke University Press, 1996.
- YOUNG, J. **Nietzsche's philosophy of art**. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.



Os direitos de licenciamento utilizados pela revista Educação em Foco é a licença *Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International* (CC BY-NC-SA 4.0)

Recebido em: 15/01/2022
Aprovado em: 29/03/2022